

A circularidade, dignidade e corresponsabilidade da igreja atual

Marcos de Almeida¹

Resumo: A sinodalidade é a pragmática que está no centro das discussões do magistério do cristianismo, a comunhão como elemento fundamental para a igreja atual. Igreja como realidade e potencialidade da unidade, a qual não deve ficar alheia à realidade das severas mudanças de uma sociedade pós-moderna altamente segmentada. A sinodalidade é a dimensão constitutiva da igreja, a qual, numa metáfora, é o corpo orgânico estruturado em distinção de suas partes, pessoas ligadas como uma unidade, diversamente qualificadas (Ef 4,16). O seu caráter ontológico contempla a diversidade de membros que têm como ponto referencial a unidade absoluta. O conceito de Trindade dá ao cristianismo o referencial desta unidade absoluta. A diversidade é o que confere o caráter de especificidade de cada elemento. O princípio a ser compreendido é que não se pode eliminar a diversidade, essencial na realidade da comunidade da fé e sua manutenção. A possibilidade de convergência da diversidade para uma unidade orgânica é assunto do Texto Sagrado. A postura é de discernimento e diálogo, num ato participativo dos fiéis habilitados e chamados para pôr em prática o serviço recíproco, sob o ministério pastoral, numa circularidade que promove dignidade e corresponsabilidade de cada membro da unidade orgânica do corpo de Cristo.

Palavras-chave: Sinodalidade. Igreja. Unidade. Diversidade. Pastoral.

INTRODUÇÃO

A sinodalidade² é a pragmática que está no centro das discussões do magistério do cristianismo. O termo em si desperta pelo seu conceito de caminhar em união, em ir juntos, tendo o objetivo da comunhão dentro do espectro da comunidade eclesial.

O labor teológico deve oferecer a reflexão do tema da sinodalidade, atual e fundamental para o desafio da Igreja universal, católica, um caminho real a ser pavimentado nestes tempos de relativismo ideológico.

A expressão sinodalidade está ligada ao sentido da colegialidade, funcionalidade eclesial, reunião dos pares para alinhar ideias e colocar em igual peso. A união episcopal tem como referência ser um ato prático para o estabelecimento, edificação e manutenção da Igreja e seus Concílios.

1 Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Graduado em Teologia pela mesma universidade pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestrando em teologia PUC SP. Contato: prmarcos.ibec@gmail.com

2 A expressão é derivada da composição da preposição σύν (junto) e do substantivo ὁδός (caminho), significado básico de confluência, o termo composto, συνέδος, assembleia, congresso, sínodo, encontro para deliberação. E, num sentido estreito, união, trato íntimo, combinação: LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *A greek-english lexicon* p. 1720.

A dimensão é ampla, o conceito abrangente e muito além do que se entende por um sínodo de bispos. O movimento é fundamental, a partir das bases, igrejas locais e seus instrumentos de comunhão, indo para a realidade de outras igrejas e outros concílios.

As iniciativas efetivas da sinodalidade focam a ampliação da consulta na fase preparatória da comunhão sinodal, na sua realização que tem como ênfase a valorização do indivíduo no *sensus fidei*³. O termo sínodo em grego (σύνδοκος) significa caminhar juntos, expressando a participação de cada um na comunhão, em vista da missão cristã.

A unidade e a diversidade da Igreja como Corpo de Cristo e, ainda, a sua universalidade como característica básica de Povo de Deus, revela o movimento e a importância da visão sinodal. O conceito de sínodo pode ser descrito em valores semânticos, ser alvo do diálogo e ser colocado em prática, com a plena consciência de que é tarefa árdua.

A sinodalidade pertence à própria natureza da Igreja, isto é, possui fundamentação teológica e ponto de partida nas Sagradas Escrituras. A perspectiva da sinodalidade é pautada no conceito da eclesiologia, na dimensão da espiritualidade e não meramente um ato funcional.

O empenho no saber e fazer a respeito da sinodalidade conduz à retomada da compreensão e aprofundamento da identidade da Igreja de Cristo, o mistério de Deus revelado, o meio de ação do Espírito Santo e à manifestação dos dons de cada membro, numa diversidade de vocações e ministérios.

A materialização do desígnio que intenta a manutenção da harmonia é sinal de boa vontade de ser Igreja serva, cuidadora, acolhedora e mantenedora da vida pelo viés do amor⁴. A Igreja descortina a sua real autoridade quando se revela servidora em que cada cristão, independentemente de sua posição, se apresenta como servo dos servos de Deus.

1 A CIRCULARIDADE: A COMUNHÃO COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA A IGREJA ATUAL

A Igreja cristã⁵, como corpo orgânico ativo na Terra, não deve ficar alheia à realidade das severas mudanças de uma sociedade pós-moderna altamente segmentada. Na perspectiva

3 Há eruditos que distinguem entre o *sensus fidei* e o *sensus fidelium*, aspecto subjetivo (intuição dos crentes) e aspecto objetivo (o que se acredita). O modo como fazem nem sempre se sobrepõe. Pode haver confusão entre *sensus fidei*, *sensus fidelium* e *consensus fidelium*. Apenas *sensus fidei* está nos documentos do Vaticano II. A diferença da terminologia distingue *sensus fidei*, do indivíduo, e *sensus fidelium*, da comunidade, e *consensus fidelium*, a toda a igreja sobre uma questão de fé (IMPERATORI-LEE, Natalia, *A Narrative Camino in Search of the sensus fidelium*, chapter 13).

4 O discurso e prática nesta dimensão sinodal flui para o equilíbrio, que aponta para o ideal: reina entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo. A crença em Jesus é o cerne da identidade cristã, o que Deus fez e faz em Jesus (KNITTER, *Introdução às Teologias das Religiões*, p.140).

5 A concepção de que Cristo é o ambiente em que todos os crentes em Jesus podem se identificar, local inescapável, onde a identidade do cristão como membro e a imagem das igrejas formando o corpo de Cristo, agindo na terra à medida que os membros assumem a sua responsabilidade (DUNN, James, *Teologia do Novo Testamento: uma introdução*, p. 168).

da releitura ideológica relativista, há o conceito da modernidade líquida⁶ como realidade de desconexão e, consequente descompromisso.

A sinodalidade é a dimensão constitutiva da igreja, a qual está configurada nessa metáfora bíblica de corpo orgânico estruturado em distinção de suas partes, pessoas ligadas como uma unidade, diversamente qualificadas⁷.

O ato da convergência do povo de Deus como dimensão constitutiva da Igreja revela o anseio do alcance da maturidade da consciência eclesial, pelo movimento da experiência da igreja local rumo à abrangência e competência da Igreja universal, católica. A obra é de renovação no exercício dos diversos dons, segundo a vocação à qual fomos chamados⁸.

A razão de ser cristão confronta a ideologia de fragmentação, o que implica igreja em conexão e compromisso, comunhão e serviço eficaz. Uma pessoa pode seguir a decisão de se desconectar das tradições e buscar dimensões pulverizadas, certa de que alcançará uma vida melhor. O perigo é a perda de sentido, de pertença, de razão de existir como ser essencialmente coletivo.

A fonte da sinodalidade está no esforço para preservar a unidade da fé, o inter-relacionamento entre os membros em suas incontáveis culturas. A sinodalidade se expressa, de maneira específica, no *modus vivendi et operandi* do povo de Deus. Cada cristão deve ser instruído⁹ e estar consciente da participação responsável, no ato de assumir a razão de sua existência como elemento da diversidade que colabora a unidade.

Os membros do organismo vivo recebem a capacitação para colocar em prática a sua missão, sob o discernimento de suas competências e visão correta da identidade e razão de ser da igreja. A vida de igreja é vida compartilhada, os recursos divididos, o sustento disponibilizado, com base na dimensão da verdade de que Deus amou o mundo de tal maneira, a ponto de dar o seu Filho Unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

6 O processo de liquefação das sociedades, situação que emerge do derretimento dos grilhões limitadores da liberdade individual de escolha e ação. A dissolução são elos que intrincam as escolhas individuais em projetos e escolhas coletivas, que redistribuem e relocam os poderes de derretimento, afetando de dependência e interação (BAUMAN, Zygmund, *Modernidade líquida*, p. 15).

7 O conceito da expressão σῶμα, corpo, no texto, ἐξ οὗ πᾶν τὸ σῶμα συναρμολογούμενον καὶ συμβιβάζόμενον διὰ πάσης ἀφ᾽ ἧς ἐπιχορηγίας κατ' ἐνέργειαν ἐν μέτρῳ ἐνὸς ἐκάστου μέρους τὴν αὐξησιν τοῦ σώματος ποιεῖται εἰς οἰκοδομὴν ἑαυτοῦ ἐν ἀγάπῃ, Ef 4,16^{MERK}, a unidade do corpo pela cooperação de cada parte que opera edificação de si mesmo em amor.

8 A perícopes de Ef 4,1-6^{MERK}, παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς ἐγὼ ὁ δέσμιος ἐν κυρίῳ ἀξίως περιπατῆσαι τῆς κλήσεως ἧς ἐκλήθητε, inicia com a exortação (παρακαλέω), deste que está encarcerado (ὁ δέσμιος), à conduta digna da vocação. O prisioneiro no Senhor não está impedido de agir em comunhão, uma vez que o serviço é disponibilizado pela e para a igreja, como realidade ontológica, uma vez que a sua essência é o ato pastoral.

9 A instrução pela verdade grafada no referencial que forma o cânone sagrado, inspirado por Deus, portanto, preservado para o ensino, compreensão correção e instrução na justiça com o alvo de cada cristão capacitado para toda boa obra (KIRSCHNER, Estevan, *Missão urbana*, p. 43).

O exercício da sinodalidade é compreendido na vocação, fruto da convocação de Cristo, do cristão viver com eficácia a comunhão. Esta se concretiza no exercício do dom específico, na unidade real de Deus e com Deus, e na comunhão com cada membro do Corpo de Cristo.

A comunhão¹⁰ real na igreja tem como ponto de partida a nova identidade e o novo ser integrado na morte e ressurreição de Jesus Cristo, implicando na vida presente e futura, no ambiente de Seu corpo como nova existência¹¹. A constituição do novo é a realidade da vida em Cristo, pensar o que é justo e reto, respeitável e amável, na busca incansável do respeito mútuo e da pureza de coração.

A nova vida é a nova dinâmica de viver em Cristo e Cristo viver em cada indivíduo. O amor sustenta a comunidade e configura a abrangência da existência cristã. A circularidade é configurada nesta sinergia em que Cristo se tornou servo¹² das pessoas e, portanto, cada cristão assume sua razão de ser, servos uns dos outros. O novo modo de viver de Jesus é o princípio estrutural da nova assembleia. A igreja de Cristo segue o exemplo na superação do pensamento de dominação e violência e assume o princípio de existência com base no serviço sincero ao outro, expressão vivível na comunhão e união.

O elemento de natureza ilimitada é o amor. Esta é a força que age acima do egoísmo, dos conflitos, das divisões e partidos, do orgulho e preconceito. O amor edifica e fortalece a igreja e muda as relações sociais da comunidade, numa vivência em comunhão com todas as coisas, na ajuda aos necessitados, na prática da hospitalidade e, portanto, o cuidado e suprimimento do outro.

A igreja é a essência do mistério de Cristo, revelado no tempo e no espaço, portanto, no progresso da história. Como igreja atual, é o sinal eficaz do Reino de Deus, que revela a plenitude escatológica e, em equilíbrio, a vivência das pessoas nos valores cristãos aqui e agora. Esta tensão do já e o ainda não, configura esta proximidade da Igreja e reino, justiça e paz, respeito e temor do mistério da salvação em Jesus Cristo¹³.

10 A expressão comunhão, κοινωνία, compreendida no contexto do cristianismo com significado básico de assembleia fechada envolvida em mútuo interesse e compartilhamento. E, ainda, uma atitude boa que manifesta interesse num relacionamento próximo, implicando em generosidade e altruísmo (DANKER, Frederick W., *A Greek-English lexicon of the New Testament and the other early Christian Literature* (BDAG), p. 553).

11 A ética paulina acontece num contexto existencial e vivencial abrangente, com foco nos aspectos da unidade fundamental de ser e agir na força do espírito. As comunidades dos santos são os cristãos, por meio da integração na ação salvífica de Deus, quando são inseridos por pura graça (SCHNELLE, Udo, *Teologia do Novo Testamento*, ps. 413, 424).

12 O poema paulino em Fl 2,7^{UBS5}: ἅλλ' ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, revela o Jesus em forma de servo, que segue o caminho da obediência ao plano divino da salvação até a cruz, se mantendo Deus, mas não considerando o ser Deus uma vantagem a ser aproveitada. O eterno Filho de Deus se fez carne e assumiu o compromisso de morrer pelo pecado do mundo (WRITH, N. T., *Paulo para todos: cartas da prisão*, p. 126).

13 A identificação da igreja com o Reino de Deus presente na história dá foco na evangelização, anúncio aos outros, kérigma de Cristo como o salvador do mundo. O diálogo de salvação respeita o outro dentro do mistério do ato salvífico de Cristo e em Cristo. A missão é urgente e desafiadora num mundo plural (GEFFRÉ, Claude, *De Babel a Pentecostes*, p. 332).

2 A DIGNIDADE: A IGREJA COMO REALIDADE E POTENCIALIDADE DA UNIDADE

O caráter ontológico da Igreja contempla a diversidade de membros numa unidade real, que tem como ponto referencial a Trindade Santíssima. A igreja é instituição sagrada e, portanto, a entidade análoga ao conceito de Trindade, o que dá ao cristianismo o referencial desta unidade absoluta pela relação perfeita da diversidade absoluta.

A diversidade é o que confere o caráter de especificidade de cada elemento. O princípio a ser compreendido é que não se pode eliminar a diversidade, essencial na realidade da comunidade da fé e sua manutenção. Esta é a potencialidade da unidade. Os valores do cristianismo são, implicitamente, os que vêm do próprio Cristo e unifica sob a verdade, santidade e bondade¹⁴.

O membro da Igreja orgânica de Cristo desfruta da igualdade de dignidade em virtude do Batismo, uma vez que o próprio Paulo diz que já não há mais distinção e todos são um em Cristo Jesus¹⁵. Os seres são um em Cristo, e dentro de Cristo a unidade é a convergência dos filhos de Deus e, portanto, herdeiros do Pai Celeste.

O corpo é complexo e cada parte do todo é necessária. Os membros exercem atividades específicas em busca zelosa pelo serviço para que a igreja receba edificação. A instrução correta liberta da ignorância: os dons são diversos (serviço), mas o Espírito é o mesmo (Senhor). As atividades são inúmeras, mas apenas Deus produz tudo em todos.

A possibilidade de convergência da diversidade para uma unidade orgânica é assunto do Texto Sagrado¹⁶. A unidade no sentido do que é único ou uniforme, a quantidade de elementos que se torna arbitrariamente para o termo de comparação entre grandezas da mesma espécie, igualdade, identidade ou uniformidade. É a possibilidade de coordenação ou harmonia das partes, ação coletiva orientada para um mesmo fim¹⁷. O indivíduo cristão recebe a exortação de ser sempre zeloso do bem da coletividade, sob a verdade de que foi Cristo quem libertou para o serviço mútuo por meio do amor.

14 Os valores implicitamente cristãos estão na estrutura cristocêntrica como a superabundância do mistério de Cristo, assimilados pelo cristianismo histórico. Assim, é Cristo quem realiza todas as coisas, que traduz a ideia de crmandade, onde o mistério do Filho de Deus coexiste e perpassa toda a história como Jesus Cristo, a pessoa que revela a totalidade do mistério de Deus, mas não o esgota, o Verbo de Deus que se faz humano (PANASIEWICZ, Roberlei, *Pluralismo religioso e contemporâneo*, p. 138).

15 O apóstolo Paulo, em Gl 3,28, faz o uso do verbo composto, ἔνεμι (preposição ἐν e verbo de ligação, εἶμι), significado básico de estar dentro de, existir. Uso no Novo Testamento apenas no impessoal e negativo, com o advérbio de negação, οὐ: não existe, não há, não está em (RUSCONI, Carlo, *Dicionário do grego do Novo Testamento*, p. 170).

16 O escritor da epístola destinada para as comunidades cristãs, localizadas na região de Éfeso, faz a analogia da Igreja como o Corpo de Cristo. E faz isso à luz da reunião eucarística. Ele expressa a unidade do organismo e revela a diversidade dos seus membros.

17 É o conceito de coesão e união, daquilo que, num conjunto forma um todo completo (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, p. 658).

O amor¹⁸ é a atitude que revela a presença do divino, a forma suprema e pura da bondade, que conduz o essencial labor pela renúncia da dominação. O que serve a Igreja de Cristo comprova o dom do espírito. O espírito operante promove ordem, edifica e tira as contradições. O ato de cada um tem efeito na totalidade.

A igreja é formada pela unidade de cada cristão, o que é batizado num só corpo e, portanto, assume a própria responsabilidade para operar o desígnio da salvação, segundo a capacidade que recebe, nas palavras de Paulo, conforme a graça concedida a cada um, segundo a proporção do dom de Cristo¹⁹.

A nova humanidade única²⁰ é possível na existência sob a reconciliação, justificação, santificação e glorificação, ato operado por Deus. A nova vida é o mistério revelado, é existência digna que se despe da conduta de vida do velho ser humano e se reveste do ser humano novo, o qual foi criado segundo Deus em justiça e santidade. A base desta nova vida é a verdade.

A dignidade é manifesta quando há a consciência desta nova vida, na obediência em equilibrar a ortodoxia com a ortopraxia, a sã doutrina com o verdadeiro testemunho cristão. Cada membro, em seu relacionamento mútuo e com a cabeça que é Cristo, assume a sua razão de existir no corpo. O equilíbrio é possível no conceito da paz, saber que cada cristão é nova existência criada por Cristo e para Cristo.

3 A CORRESPONSABILIDADE: O ATO PARTICIPATIVO EM DISCERNIMENTO E DIÁLOGO

O cristão é o novo indivíduo. Este é, também, o membro ativo da coletividade espiritual, o Corpo orgânico de Cristo. Como membro ativo, é corresponsável pela vida, missão, ensino da comunidade. O chamado é convergente, no esforço constante para preservar a unidade da fé, consciência do melhor para o crescimento saudável da Igreja.

A perspectiva correta para cada cristão é o agir em conformidade com a lei da mútua solidariedade no respeito aos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor. O cristão experimenta esta realidade em Cristo, o espírito vivificante²¹.

18 O temor a Deus é penetrar na totalidade do Ser, do amor (LELOUP, Ives-Jean, *Amar*, p. 69).

19 O texto de Ef 4,7^{UBS5}, ἐνὶ δὲ ἑκάστῳ ἡμῶν ἐδόθη ἡ χάρις κατὰ τὸ μέτρον τῆς δωρεᾶς τοῦ Χριστοῦ, destaque a cada um de nós, o foco no indivíduo como receptor do dom, o qual o recebe (voz passiva) com o objetivo do aperfeiçoamento dos santos para a obra ministerial e para a edificação do corpo de Cristo.

20 O ser um em Cristo, ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, Gl 3,28^{UBS5}, nova existência no corpo de Cristo, para que, dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, criando a paz, Ef 2,15^{UBS5}: ἵνα τοὺς δύο κτίσῃ ἐν αὐτῷ εἰς ἓνα καινὸν ἄνθρωπον ποιῶν εἰρήνην.

21 A expressão que Paulo usa em 1Co 15,45, ζωοποιέω (composto de ζῶς, vivo, com o verbo ποιέω, fazer, criar), sentido de: causar estar vivo, tornar vivo, dar vida a, em geral, foco na existência transcendendo o meramente físico. O criar o vivo (DANKER, *Opus Cit.* P. 431).

A postura é a da responsabilidade de discernimento e diálogo. A concretização se dá pelo ato participativo dos fiéis habilitados e chamados para pôr em prática o serviço recíproco. A dimensão das atividades deve acontecer sob o ministério pastoral, numa circularidade que promove a corresponsabilidade de cada membro da unidade orgânica do corpo de Cristo.

O fundamento das boas obras é o conhecimento do verdadeiro ensino que deriva da revelação de Deus. O mestre Paulo ensina seu discípulo a respeito do caráter ontológico do escrito sagrado, o qual foi inspirado por Deus e tem em si a utilidade intrínseca do discipulado. Deus é a causa das boas obras, que sustenta a ética de cada filho e, que conduz a uma existência segundo a unidade.

A edificação é real no crescimento em tudo, rumo à cabeça, que é Cristo. As exigências são concretas²²: não contar mentiras, abandonar a ira, parar com os roubos e, contrário a isso, assumir o trabalho honesto, ocupar os pensamentos com o que é bom e propor o bom diálogo, a fala que constrói.

A questão é como expor a mensagem do amor a conflitos gerados pela morte da certeza e do absoluto, numa ausência de razões e característico niilismo desta existência líquida. A resolução está no empenho da conduta digna frente a este sistema em mutação, dando razão da esperança que há em si²³, como membro do Corpo vivo de Cristo²⁴.

A ética do cristão é alcançada pela atuação efetiva do Deus que intervém na história, de modo eficaz em seu povo, de acordo com sua soberania em sua criação. Mas, também, se manifesta de modo particular em cada cristão, no imperativo a cada nova criatura, de ser imitador de Deus, uma vez que há na nova mente do filho do Pai Celeste a plena consciência ser herdeiro de Deus²⁵.

O diálogo, como ato participativo, atua como ponto de partida para dissipar tensões. Este é o andar no amor, numa entrega sacrificial, como princípio básico de suportar o outro em atitude de benevolência incansável. A unidade da Igreja é o alvo da paz cósmica. Os que

22 A dicotomia em Efésios mostra a tensão entre o velho homem (τὸν παλαιὸν ἄνθρωπον, Ef 4,22^{UBS5}) e o novo ser (τὸν καινὸν ἄνθρωπον, Ef 4,24^{UBS5}): o primeiro, corrompido segundo as concupiscências do engano e o segundo, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

23 O texto de 1 Pe 3,15^{MERK}, ἕτοιμοι ἀεὶ πρὸς ἀπολογίαν παντὶ τῷ αἰτοῦντι ὑμᾶς λόγον περὶ τῆς ἐν ὑμῖν ἐλπίδος, prontidão para defender com razão o que pede razão da esperança. A ἀπολογία é a defesa da fé, ato intenso dos pais da igreja como Gregório de Nissa e Atanásio de Alexandria, importante apologeta do século IV, pela coerência interna e consistência da fé cristã frente a um mundo em franca transformação (FORREST, Benjamim K., *A história da apologética*, p. 31).

24 A intersecção do plano pessoal e eclesial exige o ser discípulo do Único, em atitude de servos por amor e fiéis testemunhas do seu Senhor, conscientes do conflito fé e não crença, numa superação do reducionismo da mensagem cristã (FORTE, Bruno, *A essência do cristianismo*, p. 106).

25 O texto de Ef 5,1, γίνεσθε οὖν μιμηταὶ τοῦ θεοῦ ὡς τέκνα ἀγαπητὰ, verbo γίνομαι, no imperativo presente ativo, ordem sob ato contínuo dos filhos (τέκνα), o substantivo neutro τέκνον, filho, criança em processo de crescimento, rumo a maturidade. O plural, τέκνα, no sentido de descendência, posteridade, a coletividade: DANKER, *Opus Cit.*, p. 994.

estavam longe foram trazidos para perto, sob a reconciliação que supera a inimizade do pecador com o Justo Juiz.

A real exposição da mensagem de Deus pode ser viável a qualquer um que deseje entender sobre esperança, e, ainda, estar disponível num diálogo simples: a bondade de Deus que se revela em Sua atuação salvífica em Jesus Cristo, a qual está absolutamente disponível neste tempo relativista, nesta era pós-moderna, neste mundo líquido, para que se alcance o viver sob a sabedoria de Deus.

A graça salvadora disponibiliza educação para expurgar a impiedade e as paixões mundanas deste presente século, para que se viva de modo justo e sensato, com autodomínio, segundo a justiça das Sagradas Escrituras, e com base no temor e na piedade disponibilizada a cada cristão pelo Espírito Santo²⁶.

CONCLUSÃO

O movimento inerente ao caráter constitutivo da Igreja é a realidade de uma Igreja saudável e viva, que realiza o labor hermenêutico a partir da revelação de Deus, para a compreensão de sua bendita vontade. O cristão se alimenta desta Palavra, como o seguidor do Senhor Jesus Cristo, que o fortalece para o constante serviço num sistema de gente machucada.

A decisão em cuidar do outro está pautada no dinamismo da ação coletiva, na sinodalidade, que foca o interesse sim, mas objetivando o crescimento individual que traz as boas consequências na edificação do coletivo. O alvo é renovar, com base na verdade, a realidade pastoral do cristianismo e alinhar com a missão da ἐκκλησία, dos chamados, numa realidade mosaica, pulverizada e carente.

O amor é a atitude que media e distingue o ser humano novo, é o critério fundamental do novo viver em Cristo, para Cristo e por meio de Cristo. Os dons do Espírito capacitam para a manutenção da unidade para que se alcance o pleno conhecimento do Filho de Deus, e promovem a edificação do Corpo de Cristo, até que se chegue à unidade da fé.

A complexidade de nosso tempo desperta desafios, principalmente de leitura honesta das mais diversas intersecções ideológicas que podem influir no modo de pensar da vida em comunidade cristã. O que se busca são os elementos de convergência, os que colaboram para a unidade, mantidos pelo vínculo da paz. A realidade aponta para a tensão inevitável entre o domínio cósmico de Cristo Jesus e o sistema maligno independente, que promove o egoísmo, orgulho, arrogância, enfim, os inúmeros esvaziamentos da razão de existir no ser humano, os ladrões do contentamento.

Para isso, há necessidade de honestidade, confiança e esforço intenso para manter a vida conectada a Deus e ao mesmo tempo conectada com o próximo, em real consciência da

26 A pastoral: ἐπεφάνη γὰρ ἡ χάρις τοῦ θεοῦ σωτήριος πᾶσιν ἀνθρώποις, Tt 2,11^{UBS5}, aos que esperam a bendita esperança e a manifestação da glória de Jesus Cristo.

possibilidade de manutenção da unidade, no acolhimento dos que estão abandonados nos acostamentos da existência.

Enfim, é nesta dimensão que se encontra o contentamento, o aprender a viver o melhor do cristianismo, a unidade na diversidade. É na sinodalidade que está o chamado de cada um, o crescimento natural da igreja, a saúde para expurgar os elementos estranhos e a eficácia do cuidado como serviço cristão.

REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara (et. al. eds.). *O Novo Testamento grego – 5ª. edição revisada*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CURRAN, Charles E. e FULLAM, Lisa A. *Readings in moral Theology*, no. 18. Series: *The Sensus Fidelium and Moral Theology*. Chapter 13: *A Narrative Camino in Search of the sensus fidelium*, Natalia Imperatori-Lee (ISBN 978-1-58768-658-0-ebook). New York: Paulist Press, 2017.

DANKER, Frederick W. *A Greek-English lexicon of the New Testament and the other early Christian Literature (BDAG)*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

DUNN, James D. G. *Teologia do Novo Testamento: uma introdução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.

FORREST, Benjamim K., *A história da apologética: uma introdução biográfica e metodológica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

FORTE, Bruno. *A essência do cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GEFFRÉ, Claude, *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, 2013.

KIRSCHNER, Estevan e CHO, Bernardo. *Missão urbana: servindo a Cristo na cidade*. São Paulo: MC, 2020.

KNITTER, Paul F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

LELOUP, Ives-Jean, *Amar: apesar de tudo, para que cada um de nós transforme seu destino em um projeto consciente*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *A greek-english lexicon*. New York: Clarendon Press-Oxford, 1996.

MERK, Agostino e BARBAGLIO, Giuseppe. *Nuovo Testamento: grego e Italiano – Testo Critico*. Bologna, It: Edizioni Dehoniane Bologna, 2010.

PANASIEWICZ, Roberlei, *Pluralismo religioso e contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

RUSCONI, Carlos. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André (SP): Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2017.

WRITH, N. T., *Paulo para todos: cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.